



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

UM OUTRO JEITO DE DIZER: CRIATIVIDADE E OUSADIA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO GRUPO DE ESTUDOS DA COMPLEXIDADE

Juliana Rocha de Azevedo da Costa*

Maria da Conceição Xavier de Almeida**

RESUMO

O trabalho resulta em um fragmento de uma pesquisa de doutorado realizada acerca da diferenciada forma de produção científica do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM). Para tanto focou seu estudo numa amostra de três produções de pesquisadores do grupo, buscando o diálogo convergente do método como estratégia na produção do conhecimento e da criatividade nesse processo, no intuito de fornecer uma nova roupagem literária aos duros textos científicos. As pesquisas selecionadas apresentaram convergência quanto ao tema desencadeador, relacionado às ciências da vida: loucura, conhecimento da tradição, relação homem-natureza e, o valor da experiência na perspectiva das culturas humanística e científica. Assim, optou-se por realizar uma pesquisa de caráter exploratório e bibliográfico. O resultado deste estudo apresenta nos três trabalhos as estratégias utilizadas pelos seus autores para pensar a produção do conhecimento de forma mais sensível e aberta. Assim, foi possível por meio da literatura, no conto de Frankenstein, numa das teses; na história da loucura, numa dissertação de mestrado e nos saberes da tradição de outra tese, perceber que é possível fazer ciência buscando a inteireza, a religação dos saberes e a escrita como expressão do sujeito sensível ao mundo que ele próprio vivencia, afastando a ideia de ciência brutalizada, que buscou na exacerbação da racionalização a exclusão do sensível pela lógica da fragmentação.

PALAVRAS-CHAVE: Produção Científica, Grupo de Estudos da Complexidade, Método.

INTRODUÇÃO

Desenvolver uma pesquisa e colocá-la no papel não é tarefa fácil. Se fazer entender pelo outro é uma exigência básica no mundo acadêmico, e isso se reflete diretamente na forma de produzir uma tese, uma dissertação ou qualquer outro



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

tipo de texto científico. O texto que aqui se delineia busca apresentar estratégias diferenciadas de “processamento de dados” em três trabalhos acadêmicos, e mais ainda, identificar neles o ponto de convergência, permitido pelo fato de terem sido produzido na mesma rede de ideias, o Grupo de Estudos da Complexidade - GRECOM/UFRN. Aqui se inicia uma jornada na busca da captura de uma cena, um *print* – como aqueles que realizamos numa tela de computador, que possibilite enxergar o exato momento de entrelace entre as mensagens comunicantes dessas três pesquisas realizadas no Grupo. Dentre os trabalhos produzidos ali nestes vinte anos, selecionei as teses: Lições do Vivo, produzido pelo pesquisador João Bosco Filho; Frankenstein, o Prometeu Moderno: Ciência, Literatura e Educação, por Renato Pereira de Figueiredo e a dissertação de mestrado Diálogos da Alma, uma outra história da loucura, produzida por mim.

Este lugar, definido como Grupo de Estudos da Complexidade - GRECOM vai muito além de ser um espaço físico institucionalizado de pesquisas onde reúnem-se orientadores, intelectuais e alunos. O GRECOM não se reduz a um espaço de estudo de teorias, ali vive-se os paradigmas, e é sobre este local, o qual sempre me senti parte, embora distante, que preferi lançar meu olhar, dedicando meu tempo, por meio de pensamentos, impressões, estudos e riscos, voltar a participar deste lugar de ideias e escrever sobre ele.

Este trabalho traz uma amostra daquilo que é feito no GRECOM por meio de três pesquisas. Os pontos convergem para a ideia primeira do uso do Método como Estratégia, preconizada por Edgar Morin e parte do fazer no Pensamento Complexo. Os textos são convites ao pensamento, ou seja, nas palavras de sua coordenadora, Maria da Conceição de Almeida, esses trabalhos servem para fazer pensar. E convenhamos, qual o alimento mais nutritivo para a ciência, senão o pensamento? Sem respostas arrogantes e exatas, as pesquisas a que me refiro são ensaios de desenvolvimento de um texto científico pelo viés da Complexidade. Eles são na verdade, uma demonstração de como o GRECOM oferece uma contribuição



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

de diálogo entre as ciências da vida, evitando nelas a dureza e a aspereza, típicas nestes estudos.

Particpei deste grupo na época em que cursei o Mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (2004-2006) e a experiência foi marcante, pela oportunidade que me foi dada de pesquisar a história da loucura no Rio Grande do Norte por um viés mais sensível, com um olhar antes não usado nos ditames científicos. Hoje, doutoranda do mesmo Programa, desenvolvo uma tese sobre a existência e produção científica do próprio grupo que objetiva dizer aquilo que não foi dito, de forma mais clara, não faço alusão ao ineditismo que a ciência supõe ter, mas àquilo que está guardado nas impressões, na memória do corpo, mas ainda mais, na memória da alma dos pesquisadores e do Grupo, que o torna exitoso como representante complexo do Pensamento do Sul. Tudo partiu em mim de uma indagação: o que conspirou a favor desse Grupo para torná-lo disseminador do Pensamento Complexo de forma tão intensa? Seus trabalhos certamente fornecem boas pistas para se entender este contexto favorável.

O PRINT: TRÊS PESQUISAS, TRÊS MUNDOS E UM SÓ DESEJO

Vinculado ao Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, o GRECOM participa da Linha de Pesquisa: “Complexidade, Cultura e Pensamento Social” e “Estratégias do Pensamento e Produção do Conhecimento”, pelos Programas de Pós-graduação em Ciências Sociais e em Pós-graduação em Educação da UFRN, respectivamente. Seu tesouro material encontra-se amplamente compartilhado para “fazer pensar bem”, em suas teses, dissertações, monografias e outros trabalhos. Neles estão printadas, no sentido de *print* – captura de cena, os desejos, as considerações, e enfim, os seus próprios pesquisadores. Escrever um trabalho ali é deixar um pouco de si e levar um “muito” daquele lugar.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Assim, é importante frisar que, escrever um trabalho que traz consigo a marca do GRECOM, exige de seus pesquisadores entrega. Não estou, porém, falando de uma entrega pessoal de seu tempo ou habilidades específicas ao Grupo, mas de um retorno a si mesmo para se reconhecer como sujeito cognoscente. Um trabalho produzido sem castrações metodológicas, mas único, no sentido de ter Método como estratégia, e permitir que outras linguagens ainda colocadas na marginalidade da produção científica possam fazer parte dela. Como usar então, os recursos que nos são ofertados pelo vasto campo da informação e fazer deles, o produto da ciência, na sua missão ímpar – fazer pensar bem? A responsável imediata por esta permissão é a coordenadora do Grupo, Maria da Conceição de Almeida, ou simplesmente Ceíça Almeida, como é conhecida. Mas para ela, antes de escrever é vital saber ler... saber ler o mundo, com novas lentes, quem sabe aquelas que formam o caleidoscópio de Levi-Strauss.

Um dos grandes desafios do nosso século é saber ler bem um mundo imerso na incerteza. É saber escolher e tratar informações; é transformar informações em conhecimento pertinente, aquele que está inserido num contexto, como ensina Edgar Morin; é exercitar, aprender e ensinar uma ecologia das ideias e da ação; é compreender sabedorias antigas, que nem por isso estão mortas, porque ainda falam do essencial que permanece; é facilitar a emergência de novas sabedorias. Saber ler bem o mundo de hoje é fazer uso de nossa inteligência geral tão adormecida pelos conhecimentos especializados e pela fragmentação do conhecimento; é remodelar o nosso pensamento quadrado para fazer renascer um pensar redondo ainda tão vivo em algumas culturas, como fala o educador indígena Daniel Munduruku. Saber pensar bem no século 21 é fazer do pensamento uma teia tecida de muitos conhecimentos, compreender o que eles têm de complementar entre si, de essencial. (ALMEIDA, 2010, p.72)

Para dar a ideia do que é constituído neste lugar, “printamos” o momento em que três pesquisas se comunicam e ilustram muito bem este cenário: Lições do Vivo – ciências da vida e complexidade, produzido pelo pesquisador João Bosco



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Filho; Frankenstein, o Prometeu Moderno: Ciência, Literatura e Educação, por Renato Pereira de Figueiredo (ambas produzidas no Programa de Pós-graduação em Educação) e a dissertação de mestrado Diálogos da Alma, uma outra história da loucura (produzida por mim no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais). Neles é possível enxergar uma ciência que dialoga de forma produtiva e pacificada com campos os quais os cientistas, durante tanto tempo, definiram como marginais, como é o caso da arte e literatura, os saberes da tradição e a loucura. Além disso, a implicação do sujeito no conhecimento, princípio organizador do pensamento complexo, modifica a relação dele com o que é estudado, uma vez que a postura de falar em primeira pessoa firma um compromisso ético, uma aposta na exposição do que foi estudado. E finalmente, a produção científica do Grupo tem a marca dos seus operadores cognitivos, ou seja, àquilo que põe o pensamento em movimento.

Religar o que é marginal e o que é dito científico, assumir o compromisso do que se diz em pesquisa e com o diálogo com a natureza; ouvir os operadores cognitivos que nos leva a pensar, são marcas muito próprias da produção científica do GRECOM. Por isso, encontro nestas três produções, ciência feita com compromisso e afeto.

A escrita tão lúcida, permitida em estratégias não comumente aceitas, torna as descobertas de mundo destes pesquisadores, comunicação eficiente e didática para o mundo. Assim, trabalhar um texto da Literatura, em que antes não enxergávamos senão o conto de um ser monstruoso (Frankenstein), escrever uma tese pelo recurso das Cartas (lições do Vivo) e falar de um Hospital e de seus sujeitos como uma casa e seus moradores é no mínimo uma forma ousada de ver a ciência que Ilya Prigogine preconizava para o século XXI, marcada pela metáfora da arte.

Os temas mais diversos encontram no GRECOM campo fértil de desenvolvimento. Foi neste contexto que há nove anos escrevi Diálogos da Alma, uma outra história da loucura (2006), fruto de uma pesquisa realizada sobre a



institucionalização da loucura no RN, a partir da perspectiva das histórias de vida de quatro pacientes residentes crônicos do Hospital Dr. João Machado em Natal. A minha escolha foi motivada pelo desejo de dar voz ao sujeito, calado pelo estigma. Foi um desafio sem precedentes, escrever, entrevistar, observar pessoas tão ricas para serem descritas nas poucas páginas de uma dissertação de mestrado.

Normalmente, o tema da loucura é visto com repugnância, distanciamento e prepotência, sendo a loucura um verdadeiro estigma para nossa sociedade ou mesmo enclausurado em teorias das Ciências da Saúde. No GRECOM tudo aconteceu de forma muito inesperada. Ali aprendi que a loucura é mais um estado de nosso espírito, muito típico do *sapiens-demens*, e fiz questão de trabalhar cada vez mais na vertente da naturalidade, do acolhimento, da sensibilidade como ali havia aprendido. Assim, para se ter uma ideia, a dissertação intitulada Diálogos da Alma: uma outra história da loucura foi desenvolvida dentro do antigo Hospital Psiquiátrico Dr. João Machado em Natal/RN, entre amigos loucos. Este exemplo, figura muito bem na metáfora do abraço a compreensão sobre a cumplicidade de fazer fluir nossos vários pertencimentos imprimindo nossas subjetividades e facilitando “uma simbiose entre os domínios da natureza e da cultura que estão, ao mesmo tempo, dentro e fora de nós”.

Mergulhei fundo de corpo e, principalmente de alma, de psiquê, numa história antes não contada e, que me atrevi a coloca-la no devido lugar das lembranças, a história daqueles considerados loucos, dos esquecidos. A permissão que obtive para cumprir tão grande tarefa foi-me concedida num lugar diferente, onde se pensa, se sente e se pratica ciência de uma outra forma.

Minha formação em História me levou ao registro, à investigação, à arqueologia dos fatos, mas foi a passagem pelo GRECOM, e a experiência da complexidade que me permitiu a religação com os saberes dispersos e aparentemente desconectos. Contrariando tudo o que somos adestrados a aprender sobre a ciência e seus fenômenos, peço licença a Isabelle Stengers (2002), para parafraseá-la sobre a Invenção das Ciências Modernas, e dizer que, o



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

GRECOM apostou numa ciência não redutora, nem ao menos comprometida em nivelar, linear diferenças, mas em permitir que o sensível opere no lugar da frieza técnica e linear cartesiana.

A dissertação foi aos poucos ganhando contornos próprios, porque passei também a acreditar que o desejo de falar sobre o fenômeno, estando junto a ele lado a lado era possível, longe daquela visão de superioridade do pesquisador que jamais aceitei. Assim, surgiu uma dissertação que trazia em seus capítulos a marca poética dos fenômenos, a exemplificar o capítulo 2 intitulado “A Casa”, no qual me referia ao lugar físico que o hospital representava para aqueles sujeitos, fugindo do mérito de atribuir-lhe adjetivos, permitindo apenas que fosse o que é para os seus habitantes; e o capítulo 3, intitulado “Meu medo do trovão e meu amor pela chuva”, tal qual como a doença mental põe o indivíduo na berlinda das emoções e na confusão dos comportamentos. Ali relatei vivências e permiti que pessoas que são a própria história da loucura, pudessem estar inscritas em outro local diferente dos frios prontuários médicos.

Na tese de doutorado desenvolvida por Renato Figueiredo em 2009 e publicado em 2010, a ligação literatura e ciência foi de tal forma imbricada que é possível ler o fenômeno da ciência que se embruteceu pela racionalização cega, monstro retalhado e desfigurado, frio, descrita na tese a partir do conto de Frankenstein. Neste sentido, o autor afirma:

consciente de que somos parasitados por várias formas de representação do mundo, aproprio-me da obra de Mary Shelley não apenas como romance. É como um operador de reflexões cujos significados me levam a perceber que não é sobre a relação de gênero no campo científico, uma metáfora da Revolução Francesa, ou sobre as consequências trágicas da experiência realizada por um homem que viola as leis da natureza que o mito franksteiniano ganha particular relevo para mim. No pensamento obcecado pela organização e pela ordem de Victor Frankenstein, vejo uma metáfora capaz de iluminar nossas próprias atitudes e nos fazer refletir.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Nesta tese, a ciência representada na obra de Mary Shelley é experimentada num laboratório vivo no qual não é possível controlar os experimentos, por isso a criatura foge ao controle do criador.

Em “As lições do vivo: ciências da vida e complexidade”, João Bosco Filho, um enfermeiro de formação, encontra no GRECOM o espaço propício para entender o elo perdido que a fragmentação impôs às ciências da saúde. Em seu trabalho busca religar os saberes da tradição e a cultura científica, demonstrando que é possível sim, o diálogo com tudo que esteve a tanto tempo rejeitado, marginalizado. Foi buscando o intelectual da natureza, que João Bosco encontrou um dos aspectos mais caros ao grupo, a afirmação de que existe uma forma de se fazer ciência mais próximo da natureza, formulado na lida diária do conhecimento da tradição. A partir do recurso das cartas escreve sua tese, para, como ele mesmo repete, “fazer pensar”. João Bosco percebeu que existe lições para pensar que estão no ecossistema, na fala do homem simples do campo, assim como eu havia percebido que existe igualmente muito a se aprender com o fenômeno da loucura.

É possível relatar um rol extenso de pesquisas como essa, desenvolvidas, e que deixaram printadas na existência, a marca histórica dos fenômenos, dos sujeitos e dos, porquê sim, somos feitos da mesma substância que os sonhos. Monografias, dissertações, teses, projetos educativos, textos de comunicação social, estudo, contato com a vida... Não diria jamais que o GRECOM se resume a tudo isso! Mas que se expande a tudo isso.

Reconhecendo seu papel transformador, o Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM contribui com uma produção científica nova, sem adestramentos e muletas conceituais, que opera na proposta da Complexidade, porque compreende a finitude humana e a infinitude das ideias, a certeza da incerteza e de que o pensamento é sistêmico como o mundo, os fenômenos e todas coisas, e não linear como fomos levados a acreditar. Edgar Morin é o melhor exemplo, pai destas ideias, viu no GRECOM o lugar onde a Complexidade o espaço



da transformação. É assim que se faz ciência no GRECOM, transformando-se, morrendo e renascendo a cada dia.

GRECOM: A GRANDE TELA DE UMA CIÊNCIA ABERTA

Depois de ter visto os instantes capturados em meu *print*, busco apresentar a tela inteira, o GRECOM. No ano de 2014 o GRECOM completou 22 anos de existência, e por ali muitas histórias, muitas obras, muitos projetos, muitas percepções de mundo tornaram-no um lugar vivo, em cada parte do ambiente físico ou do espectro intelectual. Sobre sua criação, documentou, sua coordenadora, a Dra Maria da Conceição de Almeida, na obra *Ciclos e Metamorfoses*, que o sonho era transformar o “trabalho acadêmico numa estética do pensar com prazer partilha e paixão, mesmo consciente de que a crueldade, a competição e o desencanto estão enraizados no mundo universitário” (ALMEIDA; KNOBBE, 2003, p.9).

Através de um mapeamento dessas produções, de uma arqueologia do pensamento, é possível atualizar a história de um grupo que atravessa décadas dialogando com a filosofia, com a biologia, com a psicologia, com a educação, com a religião, com o Direito, com a Comunicação Social, com a Física, com a Matemática e com tantas outras áreas de forma aberta e complementar. Um grupo que, de fato vive a experiência extramuros da academia experimentando e aprendendo com outros domínios, com a natureza, por exemplo, e com os saberes da tradição, dela aprendidos.

Partindo da premissa de que, para se construir um trabalho pautado no paradigma da Complexidade, é necessário romper com a ideia de metodologia enquanto receita pronta de passos rigidamente definidos, oferecida pelos manuais consagrados. Para Almeida (2009, s.p.) “[...] poder-se-ia afirmar que, no domínio da ciência, a pesquisa é a metamorfose, em patamares hiper-complexos, da curiosidade e da vontade de ordem que estão na base da condição humana”. Assim,



este trabalho opta pelo Método como estratégia flexível e participativa, como canal aberto de construção e aprendizado. Com base nas ideias de Almeida (2009) na interpretação das ideias de Edgar Morin, o uso da sensibilidade pessoal será a aposta para uma investigação multidimensional.

Apresentar a história do Grupo de Estudos da Complexidade nada mais é do que relacionar o fragmento e o contexto, o local e o global e utilizar da metáfora da arte para falar de ciência no século XXI, como aponta Ilya Prigogine, para trazer a tona o universo da Complexidade representado por uma base de pesquisa universitária. As pesquisas pontuais, alimentadas pela perspectiva multidimensional e atentas à dialógica local-global e particular-universal têm um papel importante a desempenhar nessa direção. Mais que isso, por vezes são justamente as pesquisas pontuais a matriz à qual se recorre, permanentemente, para dar sustentação a reflexões mais ampliadas da realidade. Tal atitude fenomenológica oferece à substância viva quase sempre ausente prontuários teóricos da ciência da fragmentação. (ALMEIDA, 2009, s.p)

Contar um pouco da história do Grecom é falar de um espaço vivo do paradigma da Complexidade é ouvir as vozes dos trabalhos e dos pesquisadores que por ali passaram, é enxergar as experiências passadas dos projetos de pesquisa e compreender que todos estão interligados numa órbita única e sistêmica.

De forma análoga às pequenas flores de matos rasteiros que desafiam o asfalto e o concreto e nascem sem serem convidadas, em ambientes áridos e inóspitos, assim também surge entre os muros de concreto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte o Grupo de Estudos da Complexidade, este Grupo mundialmente conhecido, com o sonho, de estudar e participar de uma reforma universitária amparada no Paradigma da Complexidade, comprometido com a produção de uma ciência menos fragmentada.

De forma muito pertinente, o surgimento deste grupo tão tipicamente nordestino, em seu caráter de resistência se deu justamente pela oportuna



discussão da problemática da seca. Nos anos 80, o tema esteve no auge dos debates mais acirrados e das soluções mais desesperadoras. Segundo Almeida (2003) o início de tudo se deu a partir da emergência do diálogo entre as temáticas discutidas no Núcleo de Pesquisa sobre a Problemática da Seca. Aquele exercício de complementaridade, de rompimento com visões redutoras, aproximava os pesquisadores, cada vez mais, da tentativa de compreensão de tal fenômeno. E foi neste contexto árido, mas muito próprio, que surge um grupo de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento empenhados em fazer dialogar natureza e cultura. As sementes ali foram jogadas e encontraram solo fértil, para florescerem nas pessoas de Maria da Conceição de Almeida e Wani Fernandes Pereira.

Dali os ventos do destino sopraram-nas para outros rumos, entretanto levando consigo as pequeninas sementes da transdisciplinaridade, e em 1992 surge o Grupo Morin na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Como bem explica Almeida (2003, p. 26):

Agora uma multiplicidade temática e de referências empíricas eram discutidas a partir da ideia de complexidade, do Pensamento Complexo e de um Método em construção por Edgar Morin, com vistas a religar conhecimentos, reduzir a fragmentação disciplinar, fazer dialogar cultura científica e cultura humanística e compreender a multidimensionalidade dos fenômenos do mundo, incluindo aí o meio ambiente, a ciência, a cultura e o sujeito do conhecimento.

A emergência de ser transdisciplinar tratou de encaminhar estes pesquisadores para soluções multidimensionais, muito além do simples sim ou não, do é ou não é. A transdisciplinaridade permite articular os contrários: sujeito e objeto, subjetividade e objetividade, matéria e consciência, simplicidade e complexidade, unidade e diversidade. Ser multidimensional, como o próprio termo referencia, é permitir-se adentrar em várias dimensões sem perder o cerne da questão. Assim:



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

O conhecimento transdisciplinar associa-se à dinâmica da multiplicidade das dimensões da realidade e apoia-se no próprio conhecimento disciplinar. Isso quer dizer que a pesquisa transdisciplinar pressupõe a pesquisa disciplinar, no entanto, deve ser enfocada a partir da articulação de referências diversas. Desse modo, os conhecimentos disciplinares e transdisciplinares não se antagonizam, mas se complementam. Diferente do enfoque tradicional-disciplinar, a pesquisa transdisciplinar traz à tona uma multiplicidade fantástica dos modos de conhecimento. Sua preocupação com os níveis de realidade (superando a dimensão única que a pesquisa disciplinar enfatiza) e com a ideia de totalidade a leva a aceitar a causalidade concebida como em circuito e multirreferencial, em vez de prender-se a uma realidade linear e unidimensional (Congresso de Locarno, 1997 apud SANTOS, 2008, p.7).

Pensar no passado é refletir sobre possibilidades do que poderia ter sido ou reviver imagens doces daquilo que se foi, penso que para os remanescentes deste grupo, a segunda opção seja a correta. Nas páginas da obra Ciclos e Metamorfoses (2003) temos essa sensação, de reviver um lindo passado cheio de sonhos e ideais libertadores, e mais ainda por sentir antigas presenças ainda próximas, como o Prof. Willington Germano, a Prof^a. Dalcy Cruz, e tantas outras amigadas cúmplices construídas ao se sonhar junto.

Daí a se transformar em base foi rápido, mas um tanto doloroso, e de forma simples Almeida (2003) explica que na transformação do casulo, fazendo alusão ao fim do Grupo Morin, e no surgimento do GRECOM, foi necessário o processo de “destruição da larva” para o surgimento da borboleta, mas que esta destruição não seria completa, como ensina Morin, pois o que resta à larva é o sistema nervoso, e assim, o sistema nervoso do Grupo Morin vestiu-se de novas e delicadas vestes para alçar vôo rumo ao mundo das ideias. Assim, o GRECOM se forma no âmbito do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Ciência e Tecnologia NEPECT, estando vinculado aos Programas de Pós-graduação em Ciências Sociais e Educação, e desde então congregando pesquisadores, amigos, alunos e todos que buscam se dar a chance de pensar de forma complexa.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Com 23 anos de experiências acumuladas, vivenciadas e trocadas, o GRECOM se define pelo próprio paradigma da complexidade. Em suas produções, eventos, atividades, no acolhimento, o GRECOM “tece junto, religa, rejunta”. Os princípios deste paradigma estão printados neste grupo, como um *print* – um instante capturado na tela de um computador. Ali é possível ver os princípios apontados por Morin para a Complexidade: dialógica, Recursividade Organizacional e o Holograma. Assim quem ali está, tenta organizar a desordem, ou desorganizar a ordem; quem ali está sabe que há uma cadeia entre causa e efeito, que se torna causa, que se torna efeito e finalmente, que a parte está no todo e o todo está nas partes.

O grupo tornou-se a história viva de suas pesquisas e de seus pesquisadores. Ali operam uma autotransformação, a auto-organização já anunciada por Maturana e Varela (1995) como princípio existencial do vivo, ao que denomina-se autopoiese. O GRECOM não se configura como uma fábrica de bons intelectuais, que trabalha a partir de uma matriz de pesquisador zerada, jamais aceita tais reducionismos, porque opera permitindo o diálogo com as riquezas que cada um já traz consigo. Por isso, considero e defendo o argumento na tese em construção, de que este Grupo é uma ilha de resistência da ciência da inteireza e do sensível no espaço acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. da C. de. (Org.). **Ciência, razão e paixão**. Belém: Editora da UEPA, 2001.
- _____. Complexidade, do casulo à borboleta. In: CASTRO, Gustavo de; CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição de. (Orgs.) **Ensaio de Complexidade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida Maria. **Ciclos e Metamorfoses: uma experiência da reforma universitária**. Porto Alegre: Sulina, 2003.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

_____. (Orgs) **Polifônicas Ideias: por uma ciência aberta.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

BOSCO FILHO, João. **As lições do vivo: ciências da vida e complexidade.** 2ed. Natal: EDUFRRN, 2015.

FIGUEIREDO, Renato Pereira. **Frankeinstein, o Prometeu moderno: ciência, literatura e educação.** Tese defendida no Programa de Pós-graduação em Educação. Natal, 2009.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento.** Campinas: Psy II, 1995.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Tradução de Maria Gabriela Bragança Lisboa: Europa-América, 1982.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade.** Trad. Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Trion, 1999.

SANTOS, Akiko. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 37 jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/07.pdf>

STENGERS, Isabelle. **A invenção das Ciências Modernas.** Tradução de Max Altman. São Paulo: Ed. 34, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Grecom - 20 anos: incertezas, apostas, metamorfoses.** Natal (RN), 2012.